



REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Beitem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha. Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*No golfo de Veneza*, conto, por Eugenio de Castro;—*S nhos*, versos, por Accacio Paiva;—*Mendes Leal* (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Resurreição de uma creança* (*Samuel Hahnemann*), por Ernesto Legouvê;—*Historia de um con-*

de antigo, (continuação), por Alberto Pimentel;—*As nossas gravuras: Um conselho por semana*;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*O amor de mãe*, conto, por Eduardo Sequeira.

GRAVURAS:—*A fortaleza de Caconda* (*Africa*);—*Os n ivos liliputianos* (*O marquez de Wolge e a marquezia Luiza*);—*S. Philippe de Benguella*;—*Egreja de velhos crentes em Kazan* (*Russia*);—*Dr. Figueiredo Magalhães*;—*Dartaston Carr Shore*.



A FORTALEZA DE CACONDA (AFRICA)

CHRONICA

Aos quatorze dias do mez de abril de mil oitocentos e oitenta e sete, n'esta cidade de Lisboa, etc., recebeu solemnemente o sacramento do Baptismo Sua Alteza Real o Serenissimo Dom Luiz Filippe Maria Carlos Amelia Fernando Victor Manuel Gonzaga Xavier Francisco de Assis Bento de Bragança Orleans Saboya.

Tal foi o acontecimento da semana, e tal seria exclusivamente o assumpto d'esta pagina, se o nome que a subscreve correspondesse a alguem, quero dizer, se eu fosse um cortezão decidido ou um republicano exaltado, que se me affigurassem as duas unicas maneiras de ser, n'este exotico paiz onde não ha meio termo, talvez pelo motivo simples de se abusar um pouco do Cartaxo.

Digo Cartaxo, como diria Champagne. Não questiono especialidades; limito-me a exigir respeito pelo direito, que tenho, de ler de fio a pavio, nas occasiões supremas, tanto os jornaes palacianos como os jornaes democraticos, e de uns e de outros concluir—E' alcool.

O governo põe luminarias; o petroleo traja de luto.

Uns vêm na cerimonia do baptisado o mais alto penhor de prosperidade para a Lusitania; é cerimonia em demasia.

Os outros, sem cerimonia alguma, vêm no mesmo facto uma fonte perenne de miserias, um insulto ás barbas venerandas do povo que trabalha, uma bicia de sete cabeças, cada uma das quaes se ergue arrogante no espaço, deitando a lingua de fóra ás multidões escravizadas!

Mesmo entre jornaes de côr identica, chegou a haver discordancia sobre pequenas coisas. Basta notar que Sua Alteza, segundo as *Novidades*, chorou muito e teve graça, ao passo que, na opinião do *Correio*, chorou pouco e fez carêta!

Convenço-me, portanto, embora custe, de que é forçoso bemdizer a sorte quando nos deu á luz muito na sombra, podendo aliás ter-nos trazido ao mundo sobre os degraus de um throno. Assim, tivemos, ao menos, a liberdade de entrar no gremio christão, a chuchar nos dedos e a fazer beicinho, sem que por isso nenhum partido politico se abalancasse a chamar-nos augustos neophytos. Houve jantar de familia, e brindes, e alegria basta, sem que ninguem concebesse a pequenina festa á vertiginosa altura de uma calamidade nacional.

Passa-se perfeitamente sem reis d'armas, sem arautos, sem passavantes; passa-se até perfeitamente sem o massapão do sr. D. Luiz de Mascarenhas, e sem a candida veste do sr. duque de Palmella. Sem pae e mãe, é que se não passa, e pae e mãe, comtudo, foram precisamente as duas entidades que estiveram a ponto d'escapar aos aduladores do paço, e que escaparam absolutamente aos aduladores da plebe.

Um quasi nada myopes, todos elles. Porque lá estavam sem duvida os duques de Bragança, dentro de cujas Altezas ha corações que pulsam e espiritos que pensam, menos, de certo, pelos interesses remotos de uma dynastia, do que pelo futuro proximo de um filho. Porque não ha-de a eloquencia palaciana preferir a feição evangelica da cerimonia para thema das suas saudações? Porque não hão-de tambem os revolucionarios poupar-se de arremessos e maus modos, em face de uma festa que podiam, sem macular, encarar pelo lado em que ella se affigura e em que é incontestavelmente sympathica? Não é acaso uma familia que vive além, no Paço?

Davo ter feito uma tristissima figura no meu papel

de moralista, porque, verdade, verdade, eu proprio me convenço de que não sou fadado para empresas sérias. O assumpto, porém, tinha já sido exaustivo; restava-me portanto o recurso de o encarar phylosophicamente. Phylosophicamente, é até muito bem imaginado.

De resto, o meu espirito não se encontra na presente conjuntura em condições propicias para deitar foguetes, a não ser de lagrimas.

Ha oito dias precisos, oito dias enormes, que não vejo uns olhos pelos quaes eu agora daria, se tanto fosse necessario, a luz dos meus! Oito dias que me teem parecido oito infernos, no que levo a palma a Mahomet que, se me não engano, se contentou com sete. E' verdade que o propheta não estava apaixonado.

E como se isto não bastasse para me tornar incompativel com as chronicas todas d'este mundo, outra desgraça ainda me amesquinha. Estão por um fio as doces ferias da Paschoa! Vem a proposito um suspiro.

Tinha-me habituado a esta doce occupação de não fazer coisa nenhuma, porque, muito embora eu saiba perfeitamente que a ociosidade é mãe de todos os vicios, confesso que me não repugna muito a hypothese de ser filho da ociosidade.

N'estes sentimentos, acompanham-me de certo os meus collegas de Coimbra, de quem me não canso de fallar, por um excesso de sympathia, levemente aggravada com um pedacinho de inveja.

Sobretudo n'estas occasiões, em que me impendem sobre a cabeça, desprovida de elmo, as laminas ingentes da geometria descriptiva e do calculo integral, não me é possivel arrancar o pensamento de sobre esses felizes universitarios que andam ahi flanando, á sombra amiga do typho protector.

Eu, se tivesse um typho, perdia o anno, pelo menos; elles, não teem typho nenhum, mas, só porque podiam tel-o, ganham com isso precisamente aquillo que eu perdia tendo-o. E' sorte.

Em todo o caso, o temporal está propinquo. Se não houver contra ordem do governo (e é de esperar que haja, visto que a ordem é do governo tambem) o dia 24 d'este formoso mez de abril, por mais que o illumine o sol, tem de ficar memoravel nos fastos da chordeira coimbrã. Está, por emquanto, determinado que n'esse dia fatal as margens do Mondego sejam novamente alcançadas pela praga dos bachareis, que foi a unica a que o Egypto escapou. Em compensação, cahiu-lhe á perna a Inglaterra, que vale bem, só por si, todas as pragas do Universo.

24 de abril. E acabou-se! Não mais theatros, não mais soirées, não mais coisa nenhuma.

Os Donatos, no Colyseu, continuarão exhibindo o seu inalteravel bom humor de excentricos. Excentricos, na accepção accetavel da palavra, porque, realmente, destacam-se do vulgo por dois motivos muito diversos e muito attendiveis. Saltam por cima de tudo, no que são apenas imitados pelo sr. Marianno de Carvalho, que, cheios de orgulho nacional, podemos afirmar ser tambem eximio n'essa habilidade; além do que, e é isto que lhes garante a celebridade, aos Donatos, não chegam a ter nem perna e meia cada um, o que os distingue de quasi toda a gente que, em geral, tem mais do que isso.

E depois, ó doce musa das férias, como esquecer aquella deliciosa Céline, que todas as noites, no circo, recebe um ramo de rosas, e cada olhar, cada olhar...

Adeus fugazes dias de ventura em que travei relações com a mana do Silva Pereira, encantadora menina cujas predilecções elle contou com infinita graça; adeus passeios a Cintra, onde a minha alma despreoccupada fazia declarações de amor aos rouxinoes; adeus ó minha santa cábula; leitor amigo, adeus!

NO GOLFO DE VENEZA

I

Aquella princezinha de olhos negros mandára construir uma gondola em forma de cysne.

Nas noites estreladas, quando se começavam a sentir as cantilenas lamentosas dos gondoleiros, a Princeza sabia do seu palacete de marmore e entrava na formosissima gondola, pequenina como um berço e leve como uma penna de gaivota.

Então, afastando as preciosas gualdrapas de setim, ia sentar-se debaixo do toldo, e, n'uma immobilidade de escultura, assim passava as noites, dormitando á flôr das agoas na sua gondola em forma de cysne.

Dizia-se em Veneza que esta deliciosa romantica desconhecia completamente esse pagemsito de olhos verdes—o Amor. Era verdade.

Mas uma vez...

II

Uma vez, n'uma noite de luar, a Princeza dormia socegradamente na sua gondola em forma de cysne.

Em volta passavam outras gondolas, rasgando as aguas n'um murmurio fugitivo, e, de quando em quando, ouvia-se a resonancia de uma serenata e o fremito amoroso de um beijo.

De subito, passou uma pequenina gondola, trazendo na pôpa uma lanterna que parecia um grande olho azul.

De pé, triste e melancolico, como os velhos trovadores da Germania, vinha um rapaz, ainda novo, com uma cabelleira doirada e fulva, tão doirada e tão fulva como o ambar dos cachimbos orientaes.

Quando passou em frente da gondola da Princeza, esse rapaz curvou-se um pouco para a vér... E, sem desprezar os olhos d'essa loira creança adormecida, foi-se afastando, reclinado na pôpa cuja lanterna parecia um grande olho azul...

Horas depois, a Princeza despertou e ouviu, alli, muito perto, a cadencia rythmica e serena d'uma canção d'amor... Poz-se a escutar e percebeu uns versos cantados n'uma voz argentina e plangente, ao som d'um violino gemedor, cujas notas se evolavam no azul como os ais lamentosos d'um coração despedaçado.

Então a Princeza começou a interessar-se com essa canção gemebunda e melancolica.

A voz ia-se approximando, cada vez mais. E ella, no entretanto, embalada pelo marulho dos remos, perguntava a si mesma quem seria aquelle cantor, e sentia estremecer o seu coração virgem, do mesmo modo que estremeciam as aguas por onde passava a sua gondola em forma de cysne...

III

Dizia-se em Veneza que esta deliciosa romantica desconhecia completamente esse pagem de olhos verdes—o Amor. Era mentira.

Quem era então o seu namorado? Era aquelle cantor.

E quem era esse cantor? Era aquelle rapaz, triste e melancolico como os velhos trovadores da Germania, aquelle rapaz de cabelleira doirada e fulva, tão doirada e tão fulva como o ambar dos cachimbos orientaes... Era esse rapaz que passára uma vez, n'aquella gondola cuja lanterna parecia um olho azul.

A Princeza nunca o tinha visto. Mas, ouvindo-lhe as canções, sentia estremecer o seu coração virgem, do mesmo modo que estremeciam as aguas por onde passava a sua gondola em forma de cysne...

Nunca o tinha visto, mas amava-o!

Procurou-o por toda a parte, mas não conseguiu encontrá-lo.

E, d'esta forma, á medida que crescia o seu desespero, crescia tambem o seu amor.

IV

Por seu lado, aquelle rapaz, triste e melancolico como os velhos trovadores da Germania, amava muito a encantadora Princeza que elle tinha visto uma só vez, n'uma noite de luar.

Amou-a muito e muito.

Procurou-a por toda a parte, mas não conseguiu tornar a vê-la. E d'esta forma, á medida que crescia o seu desespero, crescia tambem o seu amor.

V

Passou-se muito tempo.

Os dois amantes, ignorando os affectos que despertavam re-

ciprocamente, nunca conseguiram encontrar-se. Buscavam-se todas as noites, mas em vão!

Elle, minado por essa tristeza profundissima, já não cantava como d'antes; e ella, não tornando a ouvir essas canções, suppoz que tivesse desaparecido o triste cantor.

Então, aquella Princezinha d'olhos negros foi empallidecendo a pouco e pouco, e gastava as noites soluçando amargamente na sua gondola em forma de cysne.

Elle, coitado! vendo fugir as suas esperanças, começou a desalentar-se, e os seus cabellos, que eram doirados e fulvos como o ambar dos cachimbos orientaes, foram tomando a côr do gelo.

Aquelle amor tão funesto foi-lhes queimando a vida; e depois...

V

Morreram ..

EUGENIO DE CASTRO.

SONHOS

A C.

Sonhei que tinha expirado
E que do teu coração
Alguem fizera o caixão
Onde me tinham deitado.

Ai sonhos! Ai fantasias!
Alguem teceu dos novellos
D'esses divinos cabellos
Com que ás vezes me inebrias

Uma lyra perfumada
Onde a lua magoada
Vinha carpir elegias...
Que sonhos! Que fantasias!

Era de gelo o meu leito;
Tão fundo! Sem luz, sem ar...
Ai! como hade o teu olhar
Descer até ao meu peito?

A noite já vae no fim.
Estrella da madrugada
Vai dizer á minha amada
Que não chore mais por mim.

O' filha, porque chorar?
Se me deste o coração
Que mais me podias dar?

Ai sonhos! Ai fantasias!

Na minha cova, bem perto,
Bem perto da minha mão,
'stá um pequeno caixão:
D'uma creança, de certo.

E n'este momento deve
A pobresinha da mãe
'star soluçando tambem
De joelhos no chão de neve.

Ai sonhos! Ai fantasias!

Em cima d'aquella cruz
Onde se esbate o luar,
Vem sempre um mocho cantar.
Que triste canto; Jesus!

O' filha, quando á tardinha
A' beira do teu balcão
Passar alguma andorinha,
Ah! pede que venha então

Poisar sobre aquella cruz
Onde se esbate o luar
E onde o mocho vem cantar
Um triste canto; Jesus!

Ai sonhos! ai fantasias!...

ACCACIO PAIVA.

MENDES LEAL

II

Toda a primeira epoca dos triumphos theatraes de Mendes Leal foi para mim perdida. Já se tinham representado *Os dois renegados*, *O homem da mascara negra*, etc., quando nasci, e todos os dramas da primeira maneira de Mendes Leal tinham entusiasmado as platéas quando fui pela primeira vez ao theatro. Uma das minhas mais antigas recordações theatraes é a de uma recita dos *Homens de marmore* e do *Homem de ouro*, que se representavam na mesma noite, e por signal diante de uma platéa quasi vazia. Supponho que foi em 1855, por occasião da acclamação de D. Pedro V, tendo eu vindo passar a Lisboa com meu pae umas férias do Collegio Militar. Lembro-me de Emilia das Neves, que impressionou muitissimo a minha imaginação infantil, e de um actor que representou o papel de um criado velho, e que me fez chorar. Quem era o actor? Era Epiphanio? Parece-me que não; parece-me que Epiphanio era o pae da dama seduzida, porque havia na peça uma dama seduzida, e creio que o seductor, um dos homens de marmore, era Tasso, coitado! excellente pessoa, que devia estar furioso consigo mesmo, por ser obrigado a praticar tantas maldades!

Lembro-me porém que meu pae, ao sair n'um intervallo e conversando com um amigo, lamentou que estivesse tão pouca gente a ouvir um bello drama.

Sorte mais infeliz tivera porém a *Herança do chancellor*, encantadora comedia em verso do mesmo auctor, que por essa occasião tambem se representara e que eu não vi. Essa chegou a ser pateada. Digamos a verdade: tinha poucas condições scenicas, defeito de que padeciam tambem os ultimos dramas e as ultimas comedias de Meddes Leal.

E a proposito d'esta comedia em verso, sempre quero contar uma anedocta, que ouvi ha muitos annos da bocca do sr. Gomes de Amorim, e que é bastante caracteristica:

Representava-se a *Herança do chancellor*, e assistia ao espectáculo o sr. Gomes de Amorim, com o meu antigo amigo e prezadissimo mestre, o sr. general Cascaes, que seria então um simples capitão de artilheria, author dramatico muito festejado, para dizermos tudo o famoso author do *Alcaide de Faro* e da *Noite de Santo Antonio na praça da Figueira*.

Caio o panno no final do primeiro acto, e alguns espectadores patearam, entre elles um sujeito de aspecto grave e comedido, que estava sentado mesmo diante dos srs. Cascaes e Gomes de Amorim.

O sr. Cascaes, com aquelle exellente coração, de que a natureza o dotou, coração bem lavado de ruins odios e de mesquinhas invejas, com aquelle nobre e franco espirito que o caracteriza, protestou com os seus applausos, e dirigindo-se depois ao seu visinho da frente, apostrophou-o da seguinte forma:

—Permitta-me que lhe diga uma coisa, apesar de não ter a honra de o conhecer. Porque é que o senhor pateia esta peça? Pois não acha que ella tem verdadeiro merecimento? Não está escripta em bons versos, em linguagem vernacula? Não revela bons estudos historicos? Quero conceder por um momento que não tenha um enredo extremamente interessante... mas ha por acaso coisa perfeita n'este mundo? Depois, não estão por ahí os senhores a gritar todos os dias que não ha theatro nacional, que não apparecem peças originaes, que não temos authores dramaticos portuguezes? Como hão de elles apparecer, como hão de elles escrever, como havemos de ter theatro, nacional se o publico receber d'esta forma as tentativas que se apresentam em scena? Não é para desanimar semelhante acolhimento? E quando o genio robusto e já cem vezes experimentado de Mendes Leal não escapa á injuria de uma pateada, como hão de atrever-se a entrar n'esta perigosa senda os talentos juvenis, que anceiam por manifestar-se, mas que tremem com este exemplo?

—Eu estava vendo, commentava o sr. Gomes de Amorim, que o nosso visinho, estimulado com a giribanda do meu companheiro, lhe desse alguma resposta desagradavel, que Cascaes nem por sombras aturaria, e que d'ali resultava alguma grave pendencia. Por vezes tentara interromper a longa objurgatoria do eminente dramaturgo, mas qual historia! Todo entregue a um famoso empenho, todo inflammado em santa indignação, não ouvia coisa alguma. Continuava a prégar com serenidade e cortezia, mas tambem com intimativa, e realmente a victima d'esta *mercurial* tinha uma certa razão para reagir.

Não se realisaram porém os receios do sr. Gomes de Amorim. O homem, logo que vio que Cascaes se dirigia a elle, voltára-se para o escutar, e ouviu-o, sem o interromper, no mais completo silencio. Quando elle acabou, sentou-se, tirou o chapéu e preparou-se para ouvir o acto immediato.

Quando de novo caio o panno, o nosso homem levantou-se de repente, agarrou no chapéu, pôl-o na cabeça, e voltando-se para Cascaes, disse-lhe:

—O que o senhor me disse ainda agora, quadrou-me. Achei-lhe razão. Effectivamente é uma barbaridade estar a gente a desanimar homens de talento e de trabalho, como é, ao que parece, este sr. Mendes Leal; mas, senhor, eu venho ao theatro ou para rir, ou para chorar; esta peça pode ser muito boa, mas nem me faz chorar, nem me faz rir. Não a quero patear, vou-me embora.

E, enterrando com energia o chapéu pela cabeça abaixo, saio.

Eram esses, effectivamente, os defeitos das peças de Mendes Leal na sua terceira maneira, porque podemos considerar tres periodos na sua carreira dramatica: o primeiro, o do melodrama, aquelle em que Mendes Leal exerceu maior acção nas plateias. Como no melodrama o essencial era a declamação lyrica e Mendes Leal era um liyrico eminente, exprimita de um modo admiravel aquelles sentimentos exaggerados e ardentes que nos melodramas se manifestavam.

Eu lembro-me perfeitamente de umas velhas senhoras que tinham por Mendes Leal um verdadeiro culto, e que me cantavam com a sua voz tremula e commovida a chácara dos *Dois Renegados*:

Nobre donzel... D. Guterres,
D. Guterres o infanção.

ou que me recitavam os versos do *Pagem de Aljubarrota*.

Mouro ás armas! que as armas dão brado
Lá nos campos do claro Xanil;
Todo o crente islamita esforçado
Chama ao campo o guerreiro anafil

Depois, veio a segunda maneira—a dos dramas modernos, das theses sociaes, dos scepticos, da exposição de doutrinas. Foi então que elle fez os *Homens de marmore*, o *Homem de ouro*, a *Escala social*, o *Pedro*. Quantas vezes se affirmou que este *Pedro*, que tanto tempo esteve sem se representar, e que afinal, quando subiu á scena, teve um grande exito, era a confissão do author. O seu enredo parecia effectivamente ser uma copia fiel da vida de Mendes Leal. Filho de um homem de mediana condição, de um homem, que, se não exercia a domesticidade, pelo menos desempenhava um papel mercenario, indo tocar piano nas *soirées* das casas ricas, Mendes Leal, como o *Pedro* do seu drama, subiu pelo talento. Primeiro foi jornalista influente, depois deputado prestimoso, depois ministro. Succedeu porém que o drama foi escripto em 1849, quando Mendes Leal já era jornalista, mas ainda não era nem deputado, nem ministro. É certo comtudo que realisonou depois completamente as suas aspirações.

A terceira maneira de Mendes Leal foi a do drama e da comedia historica, mas do drama e da comedia estudados conscienciosamente. Estreiou-se n'este genero com a *Herança do chancellor*, escreveu depois o *Egas Moniz*, o *Martim de Freitas* e os *Amores de Bocage*. Padeciam todas essas peças do defeito que indicava o desconhecido espectador da *Herança do chancellor*. Eram admiravelmente escriptas, encerravam estudos admiraveis da sociedade que pretendiam evocar perante o publico, mas não faziam rir nem chorar, e nenhuma d'ellas obteve o triumpho que em tempo tinham alcançado ou os seus melodramas, ou os *Homens de marmore* ou o *Pedro*.

Tambem Mendes Leal é curioso de estudar como traductor. São preciosissimas todas as suas versões, e admiraveis as da *Judith* e da *Metèa*. A primeira, principalmente, é uma obra prima. Que movimento lyrico o da narrativa da Judith, quando conta aos seus compatriotas que descobriu uma fonte que os vae salvar da sede:

Prostrada orava; subito,
Suspensa a prece e a mente,
Occulta voz potente
Bradar cá dentro ouvi

Judith, em pé, dizia-me:
A acção agora é santa!
O esforço audaz levanta
Levanta-te d'ahi!

E eu levantei-me intrepida!
Na funebre cidade
Cortavam de piedade
Os ais da immensa dor

Judith vae, sobe á montanha, e de subito, guiada por mão mysteriosa, encontra uma fonte escondida no mais intimo recesso da serra.

Alli um cysne candido
Na escuridade alveja,
Das pennas que espaneja
As per'las faz chover.

Emilia das Neves dizia admiravelmente esses versos, mas havia uma coisa em que ella sempre sincava, com grande desespero de Mendes Leal. Em vez de pronunciar:

As per'las faz chover

pronunciava

OS NOIVOS LILIPUTIANOS



O MARQUEZ DE WOLGE



A MARQUEZA LUIZA

As perolas faz chover

—Minha senhora! minha senhora! bradava Mendes Leal nos ensaios.

—O que é? perguntava lá da scena, magnifica de formosura e com a sua voz extremamente musical, a nossa mademoiselle Mars.

—Per'las, per'las e não perolas, senão olhe que fica o verso errado.

—Pois sim! Tem razão! respondia com um sorriso levemente desdenhoso a imperial actriz

Escusamos de dizer que na primeira recita e em todas as recitas successivas, Emilia das Neves disse sempre *perolas*, e não *per'las*; mas representou tão bem, tão bem que Mendes Leal perdoou-lhe.

Em 1869, já depois de ter sido ministro, Mendes Leal teve o capricho de traduzir para a Trindade a *Bella Helena*. Não havia peça mais contraria a sua índole. Mendes Leal era um homem essencialmente serio. Tinha graça, mas uma graça de chumbo, espirito mas espirito um tanto preparado. Aquella ligeireza de Meilhac e Halévy, aquella troça de aforada mal se accommodavam com a sua índole, e menos ainda a indecencia de todas aquellas scenas. Entendeu portanto que devia lançar um vèu sobre a nu-

dez do original da *Bella Helena*; e d'essa fórma, a *Bella Helena* moralisada e cantada demais a mais por Amalia Fossa, era de uma semsaboria que mal pode imaginar quem a viu em francez.

Contou-se que houvera entre Mendes Leal e Frondoni uma bulha curiosa.

Em certa altura da peça, Menelau cantava *Mon honneur!* e o coro repetia: *son honn ur.*

Mendes Leal traduzira: *O meu pundonor.*

—Não pode ser, dizia o maestro Frondoni, *honneur, honra*, palavra com duas syllabas é que eu quero: *Honra! honra!*

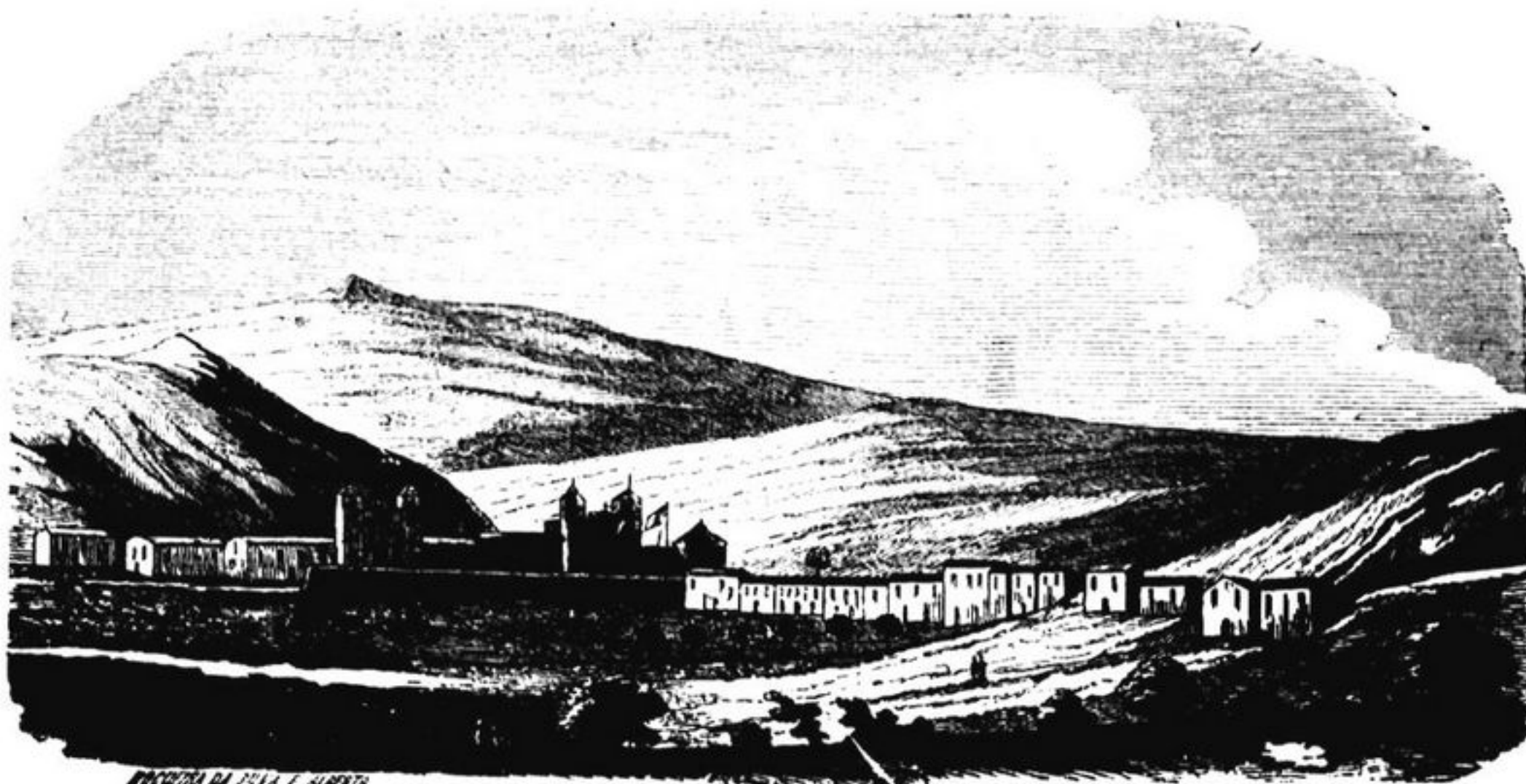
—Não! Lá isso não! respondeu Mendes Leal, com a honra não se brinca.

—Pois não se brincarà com a honra, tornava Frondoni pachorrentamente, mas pundonor não cabe na musica.

Então, depois de largas negociações, Mendes Leal resolveu-se a pôr: *O meu brazão* e o coro repetia: *O seu brazão!*

A traducção, debaixo do ponto de vista que Mendes Leal adoptara, era muito bem feita, mas o ponto de vista é que era inadmissivel; traduzir a *Bella Helena* sem perder a grave correcção do conselheiro, era impossivel e foi isso comtudo o que Mendes Leal tentou.

PINHEIRO CHAGAS.



S. FILIPPE DE BENGUELLA

RESURREIÇÃO DE UMA CRIANÇA

—
Samuel Hahnemann

Samuel Hahnemann é um dos grandes innovadores do século XIX. Começou, em 1835, uma revolução medieval, que ainda hoje subsiste.

Não discuto o systema, limito-me a constatar o facto.

Um acaso, que reputo providencial, collocou-me em relação directa com Hahnemann, no momento em que a sua reputação se tornára gloriosa.

Minha filha, uma criança de quatro annos, estava moribunda.

O nosso medico, o doutor R. . . , declarára na manhã d'esse dia, a um dos nossos amigos, que considerava a doente irremediavelmente perdida.

Pela ultima vez, talvez, velavamos, sua mãe e eu, junto do berço da agonizante.

Schoelcher e Goubaux velavam tambem; no quarto achava-se igualmente um rapaz, em toilette de baile, que não conheciamos tres horas antes e que era um dos mais illustres discipulos de Ingres.

Desejavamos conservar, pelo menos, uma memoria da querida criança, que já choravamos, e Amaury Duval, instado por Schoelcher, que o fôra buscar a uma soirée, consentira em nos fazer esse doloroso retrato.

Quando o querido e encantador artista (contava elle então 28 annos) caia, perturbado e commovido, no meio dos nossos desesperos, não suspeitavamos sequer que algumas horas mais tarde lhe deveriamos o maior serviço que temos recebido em nossa vida, que elle nos daria bem mais do que a imagem de nossa filha, a sua vida.

Amaury Duval collocou junto do berço, em um movel muito alto, uma lampada, cuja claridade caia no rosto da criança.

Os seus olhos estavam fechados, o seu corpo não tinha o menor movimento; os seus cabellos soltos fluctuavam em torno da sua frente, e o travesseiro, sobre o qual repousava a cabeça, não era de uma alvura superior á das suas faces e pequeninas mãos.

Mas a criança tem em si um tal encanto, que a aproximação da morte parecia ainda augmentar a graciosidade do seu rostinho pallido.

Amaury empregou toda a noite a desenhá-la, não sem que o pobre rapaz levasse frequentemente as mãos aos olhos, para obstar a que as lagrimas corressem no papel.

Ao amanhecer, o retrato estava concluido; dominado pela commoção, o artista fizera uma obra prima.

A' saída, interrompendo de subito os nossos agradecimentos e os nossos enternecimentos, disse-nos:

«Mas emfim, visto que o medico declara a sua filha perdida, porque não appellam para essa medicina nova, que começa a fazer tanto barulho em Paris; porque não mandam chamar Hahnemann?»

—Elle tem razão, exclamou Goubaux, Hahnemann é meu visinho. Não o conheço. Mas não importa! Vou buscá-lo!» Goubaux partiu a correr para casa de Hahnemann.

Achou vinte pessoas na antecâmara.

O creado explicou-lhe que era forçoso esperar a sua vez.

«Esperar! exclamou Goubaux. A filha do meu amigo está a morrer! E' preciso que o medico venha commigo.»

—Mas senhor... gritou o creado...

—Sim! comprehendo, comprehendo, sou o ultimo. Que importa? Os ultimos serão os primeiros, disse o Evangelho; depois, voltando-se para os assistentes:

«Não é verdade, minhas senhoras, que tenho razão? Não é verdade que me cedem de bom grado o seu logar?»

E sem esperar pela resposta, foi direito á porta do gabinete do doutor, abriu-a, e desabando no meio de uma consulta:

«Doutor, disse a Hahnemann o que acabo de fazer é contrario a todas as regras, mas é indispensavel que o sr. deixe tudo para acompanhar-me. Trata-se de uma encantadora criança de quatro annos, que morrerá se o doutor não vier. O sr. não quererá deixá-la morrer... E' impossivel.»

E tendo o seu irresistivel encanto operado, como sempre, uma hora depois Goubaux apparecia-nos, trazendo Hahnemann e sua mulher.

No meio de todas as perturbações da minha pobre cabeça, doída de dôr e de insomnia, julguei ver entrar um personagem dos fantasticos contos de Hoffmann.

Baixo, mas robusto, com o andar firme, Hahnemann aproximou-se, embrulhado em uma capa de pelles e encostado a uma grossa bengala de castão de ouro.

O celebre medico contava perto de oitenta annos, possuia uma admiravel cabeça, de cabellos brancos e sedosos, descaidos para traz e cuidadosamente encaracolados em torno do pescoço; os olhos eram de um azul profundo ao centro, com um circulo

quasi branco á roda da pupilla; a boca imperiosa, o labio inferior proeminente; o nariz d'aguia.

Logo que entrou no quarto, foi direito ao berço, cravou um olhar penetrante na criança, e exigiu pormenores acerca da enfermidade, sem nunca desviar os olhos da doente.

De repente, ruborisaram-se-lhe as faces, incharam-lhe as veias do pescoço, e exclamou, com inflexão rispida:

—«Atirem-me pela janella fóra todas essas drogas, todos esses frascos que ahí vejo! Retirem o berço d'este quarto! Mudem-lhe os lençoes e travesseiros, e deem-lhe a beber quanta agua ella appeteca. Metteram-lhe um brazeiro no corpo. Tratemos primeiro de apagar o fogo! Depois, veremos.»

Observamos-lhe que essa mudança de temperatura e de roupa poderia ser-lhe perigosa!

—«O que lhe é mortal, replicou Hahnemann, impaciente, é esta atmosphera e essas drogas. Transportem-a para a sala, voltarei á noute. E sobre tudo, agua, agua, agua!»

Hahnemann voltou á noute, voltou no dia immediato, e começou os seus medicamentos, limitando-se a dizer em cada uma das suas visitas:

«Ganhámos mais um dia.»

Ao decimo dia, o perigo tornou-se de subito eminente.

O fio subiu aos joelhos da doentinha.

O medico chegou ás oito horas da noute, e demorou-se um quarto de hora junto do leito, como um homem perseguido por uma grande anciedade.

Final, depois de ter consultado sua mulher, que o acompanhava sempre, deu-nos um medicamento, dizendo:

«Façam-lhe tomar isto, e reparem bem se, d'aqui a uma hora, o pulso sóbe.»

A's onze horas, tinha na minha mão o braço da criança, quando, de repente, me pareceu sentir uma ligeira modificação nas pulsações; chamei minha mulher, chamei Goubaux e Schoelcher.

E eis-nos todos apalpando o pulso da criança, interrogando o relógio, contando as pulsações, não ousando affirmar, nem regosijar-mo nos, até que, decorridos alguns minutos, beijámo-nos todos quatro; o pulso subira!

Cerca da meia noute, entrou no quarto Christiano Uhan. Veio direito a mim, e com um tom de profunda convicção, disse-me:

«Meu querido sr. Legouvé, a sua filha está salva.»

«Vai um pouco melhor, respondi, muito perturbado, mas d'aqui á cura...»

«Affirmo-lhe que está salva», depois, abeirando-se do berço, á cabeceira do qual eu velava sosinho, beijou a criança na testa e saiu.

Decorridos oito dias, a doente entrava em convalescença.

(Continúa).

ERNESTO LEGOUVÉ.

HISTORIA DE UM CONDE ANTIGO

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERIORE)

Como vimos, D. José de Portugal na *Instrucção* a seu filho passa rapidamente pela historia do amor que o seu ascendente D. Francisco de Portugal inspirára á sobrinha do imperador de Marrocos.

Poucas linhas consagra o auctor a este assumpto e percebe-se facilmente a razão por que o fez. Era melindroso de mais para um livro de educação. Nós, porém, que não temos em vista educar o leitor, mas apenas interessá-lo por uma narrativa realmente curiosa, podemos entrar desafogadamente em materia.

A derrota dos portuguezes em Alcacerquibir deu logar a varios episodios amorosos entre os captivos christãos e as meiras ardentes. Não obstante a barreira da religião, o amor, n'aquelles tempos cavalleirescos, antes e depois da desastrosa batalha, deixou memorias que hoje, vistas atravez dos tempos, se sobredoiaram de romanticas sentimentalidades.

Uma d'essas memorias envolve a pessoa do rei, comquanto o maior numero dos chronistas pareça apostado em inculcar D. Sebastião como refractario á acção magnetica do amor.

Pela segunda vez (1) temos hoje occasião de referir-nos a uma relação que foi ha annos publicada no periodico a *Arte*, como reproducção de um manuscripto existente em poder do sr. José Maria Nepomuceno, «o qual (manuscripto) é uma simples copia, sem assignatura ou indicação do nome do seu auctor, nem indicio ainda que vago da sua proveniencia», segundo a expressão do redactor da *Arte*.

(1) Vide *Prologo dos Idyllios dos reis*.



EGREJA DE VELHOS CRENTES EM KAZAN (RUSSIA)

N'essa relação, que passamos a transcrever, encontra-se uma inesperada noticia dos amores de D. Sebastião, com uma filha do duque de Aveiro, D. Jorge de Lencastre, e com uma filha do xarife, em Tanger, quando o joven rei passou pela primeira vez a Africa.

Certos de que os leitores da *Illustração Portuguesa* não de interessar-se pela narração, qualquer que seja o seu fundamento historico, damos a palavra ao mysterioso chronista:

«O duque de Aveiro, D. Jorge de Lencastre, teve uma filha unica chamada D. Juliana, a quem creou no Paço a Rainha D. Catharina, sendo Regente d'este Reino. Era dama formosa, bem feita, e muito esperta; ao menos, quando não tivesse estas qualidades, agradou se d'ella El-Rei D. Sebastião, sendo mancebo, e veio a declarar-se mais depois do anno de 1568 em que tomou o governo. Similhanes inclinações, que não podem ser occultas muito tempo, principalmente entre pessoas taes, chegarão á noticia da Rainha, e do Duque de Aveiro; porém com diferentes sentimentos, porque a Rainha receiava a consequencia d'esses amores, de que era objecto uma bisneta de El-Rei D. João o 2.º, e o genio apaixonado de seu neto, que teria então 20 annos, e D. Juliana 16, com pouco differença, e o Duque com uma vaidade disfarçada, e fingindo-se ignorante, do que todos sabião, aspirava a altas ideias, lembrando-se que era neto de um Rei, da sua grande representação, e caza, e tudo isto o persuadia, de que algum dia sua filha a contaria no catalogo das Rainhas de Portugal. Os politicos d'acôrrião sobre o que observavão: os apaixonados defendião o partido a que se inclinavão: o zelo, e a inveja fallava conforme o interesse publico, ou particular, e a Rainha n'este labyrintho consultou com o Cardeal Infante D. Henrique, seu cunhado, a decisão que devia tomar-se a esse respeito; e ouvidos alguns votos mais, em grande segredo, concordarão que se procurasse casamento a D. Juliana, obrigando o Duque de Aveiro com honras e mercês. Approvada essa resolução, fallou a Rainha ao Duque, segurando-lhe quanto desejava a continuacão da sua caza, aggregando-lhe todas aquelles razões de que a destresa é inventora para os seus fins. O Duque agradeceu sem mostrar que entendia a causa d'esta proposta; mas sobre ponderações, e a eleição de espoz, se foi passando tempo; e desde então principiou o pouco affecto que El-rei teve sempre ao Cardeal seu Thio, e tiveram origem algumas faltas de respeito para com a Rainha sua Avó, que antes tratava com mais veneração; tomando tambem em ponto de vista alguns fidalgos e ministros, que, com verdade, ou desconfiança entendeu haverem concorrido para a decisão que se havia tomado. D'estes foi passando o desagrado aos parentes e até aos amigos, de sorte que ninguem ignorava, que El-Rei não gostava da nobreza, e apenas se exceptuavão D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, que fôra Vice-Rei da India, e Christovão de Tavora, que tinha bastante ardilesa para insinuar-se.

Estimava El-Rei por extremo o Duque de Aveiro, e pouco tempo depois da pratica que a Rainha tivera com elle, determinou uma caçada á Villa de Cintra, para a qual convidou as maiores pessoas que havia na Corte, sendo uma d'ellas o mesmo Duque, que, acompanhado de sua filha, se achou n'esta occasião; e como tambem fosse um dos convidados o Duque de Bragança D. João 1.º, a Rainha sabendo a fórma porque ia o de Aveiro, ordenou á Senhora D. Catharina, mulher do de Bragança, que acompanhasse seu marido, encarregando-a de observar os passos de El-Rei seu neto. Chegou o dia e foi pomposa a funcção pela concorrência dos convidados, que se acompanhavão de numerosas comitivas; pela ostentação e riqueza com que ião vestidos os monteiros, e creados de El-Rei, e finalmente quanto se via era grandesa. A Duquesa de Bragança, que era dotada de altos espiritos e de uma viva penetração, soube cumprir de maneira as ordens da Rainha, que não houve da sua commissão a mais leve desconfiança, e só El-Rei a presumio, pelo encontro que ambos tiveram n'aquella occasião; porque desaparecendo elle no vigor da caçada, a Duquesa o foi descobrir no alto da serra, junto onde está o convento dos frades Jeronimos, conversando com o Duque de Aveiro, e sua filha; e ainda que o Duque não suspeitou nada, D. Juliana desconfiou que a vinda ali da Duquesa não era casualidade, e do mesmo se capacitou El-Rei: e indo todos juntos para onde andavão os monteiros, em breves instantes se acabou a caçada, cuidando cada um em recolher-se mais depressa do que esperava. Além d'este houverão outros ajuntamentos, que El-Rei promovia para seu divertimento, ou como tambem se dizia era pretexto para avistar se com D. Juliana; porque o Duque de Aveiro era sempre convidado, levando comigo a filha. Ultimamente houve um que muito dissaboreou a Rainha, e o Cardeal Infante, e foi nma mascarada de noute, em uma quinta no districto de Carnide, na qual se acharão grandes senhores, e o Duque de Aveiro, com sua filha, vestida á turqueza, e muitas outras donas lucidamente ataviadas; e do que ali se passou, teve a rainha circumstanciadas informações; mas não se disse com certeza quem as dera, supposto que se presumiu ser o Prior do Crato D. Antonio, filho do Infante D. Luiz. Pelo que aconteceu n'este concurso, reprehendeu a Rainha a El-Rei, e lhe fez algumas advertencias o Cardeal Infante seu Thio, de que não resultou outro effeito, que augmentar-se mais o seu aborrecimento contra aquelles de que já não gostava, e de se procurar por parte da Rainha, com o maior empenho, o casamento de D. Juliana, para

o que o Duque prestava sempre a condescendencia, sem decidir na escolha da pessoa. El-Rei que era constante em projectos e apesar da sua pouca idade, assentou descartar-se d'aquelles de que se receiava, retirando-os da Côte com honra, e entrou a divulgar, que queria passar a Africa, acompanhando-se d'elles, para ver pessoalmente as suas Praças, e poder melhor accudir a sua conservacão, e defenza. A isto se oppunha a Rainha, o Cardeal, Martim Gonçalves da Camara, seu primeiro Ministro, Luiz Gonçalves da Camara, seu irmão, que era confessor de El-Rei, além de outros muitos; e entendeu-se que pela continuacão de tantas instancias, mudara de accordo, ainda que alguns porfiavam no contrario.

O primeiro que quiz fóra da Côte, foi o sr. D. Antonio, Prior do Crato, que nomeou capitão de Tanger, e accelleradamente o mandou embarcar em uma armada preparada com equal brevidade, que sahio de Lisboa a 19 de julho de 1574. Partio depois para Cintra, dando a entender que queria passar o estio n'aquella villa; e o intento era, para se acabar, em quanto lá estivesse, uma galera que mandara fazer no Terreiro do Paço, em que trabalhava muita gente, sem attenção a Domingos, e dias Sanctos; e concluida ella, veio a Belem, a 15 de Agosto, para onde a tinha mandado ir, ordenando que embarcasse a gente, e a de outras duas, de que era Capitão Mór D. Fernando Alvares de Noronha, a quem passou ordem promptificasse todas no porto de Cascaes, onde lhe daria as que havia a executar. A 17 foi a Cascaes com todos os que o acompanhavam, não descobrindo a nenhum o fim a que hia, e se embarcou na gallera com elles, sem saberem para onde, sómente com o que cada um levava sobre si, e então lhes disse navegava para o Algarve, ficando todos confusos, porque não havia provimentos, ou apparatus anticipados para semelhante jornada, ainda que muitos a receiavão. Entre os que levou, foi o Duque de Aveiro, que talvez fosse o unico a quem descobrisse a sua resolução, por todos os principios tão arrebatada, como imprudente e perigoza. No Cabo de S. Vicente escreveu aos fidalgos, cidades e villas, rogando-lhes, que, com a possivel brevidade o seguissem com a mais gente, e cavallos que podessem; e se disse, que estas cartas, ainda que com data de Lagos, levára feitas de Cintra, e chegarão a 8 mil. Ao Cardeal remetteu uma Patente de Governador do Reino, durante a sua ausencia, e elle, immediatamente lhe foi entregue, veio para Lisboa, estando em Alcobaca, de que muito se sentio Martim Gonçalves da Camara, que esperava ficar com a Regencia; mas vendo que d'ella se encarregara o Cardeal, marchou para o convento de Bemfica, dos Padres Dominicicos, e não tornou á Côte, de que o mesmo Cardeal ficou bastantemente infastiado; porém, não o procurou dissimulando tão estranho procedimento. Do Cabo de S. Vicente, foi El-Rei com tão pequena armada a Tavira, e d'ali para Ceuta, onde o mandou cumprimentar, por uma carta, o Xarife Muley Hamet, offerecendo-lhe auxilio, e procurando a sua amizade; protestando-lhe tambem o contrario, se viesse para o accommetter, e demorou-se até Setembro, entretido a examinar a Praça, no campo, e na caça, com grande affouteza, sem que os mouros perturbassem nenhum dos seus divertimentos. Encaminhou-se depois a Tanger, onde privou do cargo ao sr. D. Antonio, que havia tão pouco tempo lhe conferira, e o deu a D. Duarte de Menezes. Examinou a Praça da mesma sorte que fizera em Ceuta, e como se estivera em terra sua, ou dentro das suas coutadas, continuou a montar duas e tres leguas ao redor da Praça; e quando o advertião dos prejuizos que podiam resaltar-lhe, zombava e ria d'aquelles que lhe davam prudentes conselhos, increpando-os de fracos e cobardes. Aqui foi menos bem recebido do Xarife, porque lhe mostrou um grande exercito á vista de Tanger, a que El-Rei sahio com a gente que pode juntar, que erão 1000 homens de cavallo e 1500 de pé; e havendo diferentes encontros de pequeno momento entre os portuguezes, e os mouros, d'estes se captivaram poucos, e dos nossos morrerão tambem poucos.

«Tinha acontecido alguns dias antes, em um d'aquelles que El-Rei tinha sahido a caçar em bastante distancia da Praça, ver um numeroso concurso de mouros, bem vestidos a seu modo, tocando varios instrumentos, e que a esses precedia uma gentil moura, ricamente composta, a qual, como logo soubesse, que era El-Rei, que por ali se andava divertindo, por um Renegado, que fallava espanhol, lhe mandou dizer:—que ella era filha do Xarife, e que se elle vinha com intento de guerra, auxiliasse seu pae, que estava desavindo com outros Principes seus Comarcãos: que com tal soccorro esperava vencel-os, e promettia entregar-lhe grandes dominios se a tomasse por mulher; pois era, filha e neta de Reis, assim como era Sua Alteza. Despediu El-Rei civilmente o mensageiro, não se desagradando da profissão, e recolhendo-se á Praça referio o successo, que tantos tinham presenciado, e francamente dizia, que aquella Princeza se parecia muito na figura do corpo, e garbosidade com a filha do Duque de Aveiro; e a elle mesmo o certificava do que nas primeiras vezes ficara indifferente, e depois pela continuacão de o affirmar, pouco satisfeito. Tinha chegado a esse tempo muitas galés, galiões, e embarcações com a gente de soccorro, que tinha mandado ir: e continuando repetidos avisos da Rainha, do Cardeal, de Pedro de Alcaçova Carneiro, seu Ministro d'Estado, e de muitos Bispos, que todos lhe rogavão viesse para o Reino; como El-Rei estava em novas combinações depois do recado da Princeza moura, com

quem depois houve correspondencia de recados, sahio de Tanger no mez de Outubro do dito anno de 1574, e chegou a Lisboa a 2 de Novembro, desembarcando em Xabregas, onde estava a Rainha, com quem jantou, e o recebeu com extraordinario alorvoço, e geralmente todo o povo. Soube logo a Rainha o que succedera em Tanger com a Princeza moura, entrando em novos cuidados a triste senhora; e como El-Rei viesse constante em tornar segunda vez a Africa, procurarão se todos os meios de o divertir, e o mesmo povo se empenhava em distrahir-o d'aquelle intento, inventando festins, a que assistisse, e o Senado a instancias d'elle ordenou uma funcção de touros no sitio de Xabregas, defronte do Paço, formando-se um terreiro, que entrava pelo mar, de lenha, e terra, em que trabalharão mais de 300 homens; e como era apaixonado da caça, a nobresa o persuadia tambem a este intretimento; porém contra ella cada vez se mostrava mais aborrecido, porque a tratava com esquivança; não queria ver fidalgos, e por qualquer cousa mandava devassar d'elles; confiando unicamente os seus particulares de Christovão de Tavora, e de poucos mais, que elle favorecia, sem talento, nem pratica alguma de negocios da Côrte; e apenas além d'estes ouvia algum padre da Companhia, com os quaes se não sabia o que passava.

Foi esfriando nas caçadas, e não cuidava em outra cousa, que tornar a Africa, contra todos os pareceres, reflectindo sómente em juntar gente, e procurar dinheiros, para o que vexou o povo com tributos, mandando até inventariar os bens dos vassallos, para haver do valor d'estes contribuição; e tudo isto se soffria pelo affecto que lhe tinhão grandes, e pequenos, apesar de ser um Rei, que só seguia o seu parecer pelos fins, que lhe não eram decorosos; e como nada o voltava d'essa resolução, resolveo justificar os seus motivos com El-Rei D. Philippe II de Castella, e pedir-lhe auxilio, para o que no anno de 1576 mandou aquella Côrte o Meirinho Mór, D. Duarte Castello Branco, a quem a Rainha tambem encarregou fallar no cazamento de El-Rei com a Infanta D. Isabel Clara Eugenia, filha mais velha do dito Rei sendo para o nosso o mais indifferente negocio, assim como tambem o era já a antiga inclinação a D. Juliana de Lencastre, posto que conservou sempre a mesma estima ao Duque de Aveiro, que sabia mui bem disfarçar a mudança que observava. Desconfiando que D. Duarte de Castello Branco não procurava com efficacia, o auxilio que requeria de Hespanha, pretendia astuciosamente entretel-o, e demoral-o, mandou em seu lugar a Pedro de Alcaçova Carneiro, o qual dizião, que por maximo aconselhára pedir gente a Castella, com o fundamento, de que qualquer pretexto faria mudança na determinação de El Rei, e foi o resultara d'esta commissão concordar-se, que os dois Reis, Thio e Sobrinho se vissem em Guadalupe, para conferirem o que devia seguir-se.

Com a resposta de Pedro de Alcaçova, partio El-Rei para o sitio de Nossa Senhora de Guadalupe, sabindo de Lisboa pela posta em 11 de Dezembro de 1576, e a 22 do dito mez, se avistaram ambos, havendo depois varias conferencias sobre a guerra, e casamento: quanto a este, ficou satisfeito com lhe dizer o Thio, que a Infanta D. Isabel estava promettida ao Imperador, e que a outra que tinha, chamada D. Catharina, era de menor idade; e quando tornasse de Africa, com muito gosto, concluiria o casamento: e pelo que respeita a auxilio, concorreria com 50 galés e 5:000 homens pagos á sua custa, mas com taes condições, que bem mostravão a repugnancia da promessa, e a pouca tenção de cumpril-a; o que El-Rei não percebeu, ficando muito contente com a promessa do Thio, a quem deu grandes agradecimentos. Tornando ao Reino, entrou a preparar-se com o maior esforço para a desgraçada jornada, sem attender á vexação publica, ou particular, e até conseguio do Papa Gregorio XIII lhe desse a terça parte da renda das igrejas, sobre que houve grandes contestações com os ecclesiasticos, e por convenção acceitou o donativo de 15 mil cruzados, que elles, conforme o rendimento dos beneficios, repartirão entre si. De todos estes successos e preparos sabia a Princeza moura, por um captivo confidente de Xarife, que continuamente ia a Tanger, e vinha a Lisboa, ao qual fallava El-Rei todas as vezes que voltava, por um modo celebre e extravagante. Tanto que sabia da sua chegada, dando-lhe a hora para se verem, que sempre era de noute, recolhendo-se mais cedo, levantava-se só da cama, pelas 11 horas, tendo anticipadamente determinado a Sancho de Tovar, seu copeiro-mór, que sem mais companhia o esperasse com um batel junto ao caes da pedra, e mettendo-se n'esse remava um e outro até á banda de além, d'onde saltando em terra, se apartava de Sancho de Tovar, esperando por outro barco que vinha das partes de Belem, do qual desembarcava o mensageiro com quem El-Rei se demorava uma e duas horas, e depois tornando a buscar o seu conductor, voltava para o caes da pedra, indo Sancho de Tovar para sua casa, e El-Rei para o Paço da Ribeira, onde se tornava a metter na cama, sem confiar de outra pessoa essas nocturnas viagens.

Andando n'estes cuidados, falleceu sua avó a Rainha D. Catharina, em 4.ª feira de Cinza, 12 de fevereiro do fatal anno de 1578, mortificada e afflicta por tantos acontecimentos tristes de que era causa seu neto, rebelde sempre aos seus proveitosos conselhos, e aos d'aquelles, que zelavam o seu bem, e o do Reino, e só constante nas suas inconsideradas paixões. Com a sua morte, ficou inteiramente desembaraçado, para tratar com o maior vigor a

jornada de Africa; e tendo tudo prompto, desenganado de que El-Rei de Castella o não soccorria, embarcou a 15 de Junho de 1578, e a 24 sahio toda a Armada a barra de Lisboa, que se compunha de 800 velas, de differentes nomes e tamanhos, levando quasi 30:000 homens, ainda que tambem se disse menos, no que não houve certeza, ontre alistados, fidalgos, aventureiros, e gente de serviço.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

A FORTALEZA DE CACONDA (AFRICA)

A fortaleza de Caconda, o ponto mais interior onde hoje, no districto de Benguella, tremula a bandeira portugueza, é um quadrado de 100 metros, cercado de um profundo fosso e de um papeito, onde, aqui e além, se podem ver as linhas distinctas de uma fortificação passageira, construida outr'ora com arte. Uma paliçada forma segunda fortificação no interior, resguardando umas casas arruinadas, que foram habitação do chefe, quartéis e paiol.

Algumas boas peças de bronze, montadas a barbete, deixam ver por sobre o plano de tiro, deformado pelo tempo, as suas bocas verde-negras e oxidadas.

A 200 metros ao sul da fortaleza, as ruínas de uma igreja. Ao norte, uma reunião de pequenas cubatas, que são a morada dos soldados.

A população é pouquissima, e tem-se retirado muito da fortaleza.

OS NOIVOS LILIPUTIANOS

Estes interessantes noivos, que hoje estão chamando sobre si a attenção da capital, são graciosas miniaturas da raça humana. Differem dos outros anões na harmonia das formas e consequentemente na pose. A marquez Luiza é uma microscopica e graciola joven de 23 annos, que tem apenas 29 pollegadas d'altura e 10 kilos de peso. Seu noivo, o marquez de Wolge, tem 32 annos, é ainda mais baixo do que a marquez Luiza, e peza menos meio kilo.

Este par incomparavel tem despertado a attenção das principaes cidades da Europa, e faz, actualmente, as delicias do povo de Lisboa, exhibido-se na casa da rua Ivens, onde ha pouco havia um café servido por hespanholas.

Elle, apparece aos visitantes, de uniforme austriaco, retorcendo o seu bigode loiro, coiffando a sua pera, a mão esquerda no punho da espada; ella, arrastando um vestido de seda, ligeiramente decotado, deixando ver o seio casto, que o nobre marquez em breve abotoará.

Parecem filhos do mesmo pae e afinal cada um d'elles foi fabricado em officinas diversas, segundo dizem.

Cada um de per si julgára-se só no mundo. Elle queria casar, mas eram todas tão altas, tão altas... E ella, nas suas horas de isolamento, formulava o mesmo ideal... Eis senão quando, avistam-se, medem-se, sorriem e acham que servem um para o outro.

Andam correndo os paizes, mostrando-se, para arranjam um capital que os habilite a gozarem a vida tranquillamente.

Necessitam d'uma casa especial; qualquer caixa de bombons lhes servirá.

S. FILIPPE DE BENGUELLA

E' a capital da provincia de Benguella, na Africa Occidental.

Situada na praia, esta cidade está encostada a altas montanhas d'onde se despenham torrentes que veem encharcar-se em baixo, exhalando miasmas pestilentos.

A população da cidade é de cerca de 4:000 almas.

Vê-m-se ali poucas casas construidas á européa: um hospital e duas igrejas são os unicos monumentos publicos.

EGREJA DE VELHOS CRENTES EM KAZAN (RUSSIA)

Demos em um dos nossos ultimos numeros a vista do Kremlin de Kazan, antiga e fornosa cidade russa. A nossa estampa de hoje representa a igreja dos Velhos Crentes, um dos mais bellos e vastos templos que ali existem.



DR. FIGUEIREDO MAGALHÃES

DR. FIGUEIREDO MAGALHAES

O illustre medico de quem hoje damos o retrato, e que ha dias esteve entre nós, vindo do Rio de Janeiro, onde dirige o hospital da Sociedade de Beneficencia, nasceu na Beira, perto de Vizeu, a 9 de junho de 1838.

Dedicou-se desde muito novo aos estudos, completando em verdes annos o seu curso de medico-cirurgião na escola medico-cirurgica do Porto, e entrando em breve para o quadro dos facultativos da armada.

Era esta a posição que melhor convinha á sua indole. Medico, ia dar largas aos seus sentimentos humanitarios, soccorrendo os que soffriam, ia affrontar os perigos das epidemias e dos contagios, e ostentar a sua impavidez diante do phantasma livido e ameaçador da morte; marinheiro, ia correr terras, devassar segredos de longinquas regiões, sulcar a amplidão dos mares, escarnecer das furias bravas da tempestade, zombar dos perigos de climas inhospitos das nossas possessões ultramarinas.

Tal foi a sua juventude, cortada de peripecias de viagem, de riscos de epidemias, de trabalho clinico, de manifestações scientificas no professorado, de preocupações e riscos que nunca lhe afrouxaram a alacridade de animo, que nunca lhe fizeram envelhecer a mocidade bem disposta do espirito.

* * *

Mas se muita gloria colheu e muito serviu a patria na sua situação official de medico da armada, tendo tido a honra de prestar serviços profissionaes a sua magestade a rainha a sr.^a D. Maria Pia, pelo que foi nomeado medico honorario da Real Camara, exercendo com distincção o magisterio na escola mathematica e militar de Goa e na escola medico-cirurgica de Pangim, servindo com subida dedicação e coragem na epidemia de cholera da India, e depois na de Cabo-Verde, onde elle foi servir por offercimento espontaneo e desinteressado, renunciando ao posto de accesso que lhe offerciam e ás remunerações extraordinarias a que tinha direito; se pois muito lhe deve a patria n'esta primeira phase da sua vida official, para mais altos destinos era chamada a sua competencia medica, o seu acrisolado patriotismo, a sua actividade inquebrantavel, o seu genio aventureiro, que achava pequeno theatro no velho mundo, que deixara semeada com mão larga a sua beneficencia na Europa, na Asia e na Africa, e que procurava mais largos horisontes na juvenil America.

Depois das viagens que fez por conta e obrigação da nobre farda de medico naval, começou a namoral-o o empreendimento de novas viagens por conta propria, e depois de haver percorrido algumas nações da America central, foi fixar-se definitivamente no Brazil, onde desde logo se tornou um dos mais notaveis, dos mais distinctos e dos mais benemeritos membros da colonia portugueza.

* * *

O novo estado de coisas que para si creara, obrigava-o, em 1871, a pedir a demissão de medico da armada, ficando com as honras do posto de facultativo naval de 1.^a classe, que então tinha.

Livre dos laços officiaes, aceitou o cargo de director clinico do importantissimo hospital da benemerita Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro.

Mas antes, creou n'aquella capital uma casa de saude, de sua direcção e exploração, onde desde logo prestou os mais levantados serviços aos seus compatriotas pobres, ou fossem paizanos, ou fossem praças de marinha dos navios da nossa armada, que a todos recolheu e tratou gratuitamente, e a todos de futuro se offerceu a tratar nas mesmas condições, motivo que determinou uma honrosa portaria de louvor, expedida em 2 de outubro 1876 pelo ministerio dos negocios da marinha.

O seu acrisolado patriotismo, a sua inexgotavel generosidade, a sua palavra e a sua penna, tudo poz ao serviço da colonia portugueza do Rio de Janeiro.

* * *

A Sociedade Portugueza de Beneficencia, essa benemerita instituição, que a caridade santa faz florescer na capital do governo do imperio brasileiro, deve a Figueiredo Magalhães os mais assignalados e importantes serviços, e longo fôra enumeral-os aqui todos, entre es quaes se menciona o de iniciar e abrir uma subscrição,—para a qual concorreu com a quantia de 5:000\$000 réis,—a fim de dotar a Sociedade com o predio do Alto da Real Grandeza, avaliado em 20:000\$000 réis, e do qual lhe fez a doação em 16 de dezembro de 1884.

Donativos diversos em numerario e em artigos de valor, cendencia de honorarios, pagamento de serviços á sua custa, tudo somma a importante quantia de 28:703\$000 réis, que, como o desvelo e sollicitude na direcção clinica d'aquelle importante e piedoso estabelecimento, lhe valeram a honra de ser agraciado

com a «Cruz humanitaria», divisa da mesma sociedade, como symbolo real e distincção maxima de apreço em que foram tidos os seus relevantissimos serviços, prestados áquella humanitaria e patriotica instituição, de cujos hospitaes é o primeiro cirurgião e director clinico, encargos que tem desempenhado com o mais elevado apreço dos corpos administrativos da sociedade, como o provam diversos documentos.

* * *

Além do seu titulo de medico cirurgião e parteiro pela escola medico-cirurgica do Porto, Figueiredo Magalhães é medico pela faculdade de medicina da Bahia, pela universidade de Santiago, pelo conselho de hygiene publica do estado oriental do Uruguay, pelo Protomedicat do Chili e pela Universidade de Bruxellas.

Como escriptor, tem tratado de varios assumptos scientificos e defendido e sustentado na imprensa varias questões de interesse social, sendo muitas d'ellas em defeza de instituições ou corporações portuguezas.

O ultimo escripto que d'elle conhecemos é o volume intitulado «O crime de Botafogo» — «Loucura hysterica»; volume em que são compilados artigos de uma polemica jornalística, por elle sustentada n'uma questão medico-legal. N'esse escripto mostra-se Figueiredo de Magalhães um polemista de raça.

* * *

Tão longa como a lista dos seus serviços é a das condecorações, que lhe ornaram o peito. Cavalleiro e commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem de Torre e Espada, do Valor Lealdade e Merito, cavalleiro da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, cavalleiro da ordem real da Corôa de Italia, condecorado com a medalha militar de bons serviços, de prata, por proposta do commando geral da armada, pelo modo como se comportou na epidemia de Cabo Verde, em 1868, tem, além d'isto, a medalha humanitaria de ouro, dada pela camara municipal da Ilha Brava, a medalha humanitaria da real sociedade humanitaria do Porto, a medalha de honra da caixa de soccorros de D. Pedro V, e a cruz humanitaria da sociedade Portugueza de Beneficencia.

E' membro de varias sociedades scientificas da Europa, e socio benemerito de diversas sociedades de beneficencia de Portugal, Brazil, Italia e França.

O habito da Torre e Espada e o officialato de S. Thiago, foram-lhe dados ultimamente: o primeiro para recompensar um magnifico serviço prestado no Ultramar, e o segundo como demonstração de reconhecimento pelo beneficio prestado pelo nosso biographado á colonia do Rio de Janeiro.

O actual governo, convidou o dr. Figueiredo de Magalhães para acceitar em Portugal uma commissão muito honrosa, mas elle recusou, não querendo abandonar a sua clinica e os seus velhos amigos do Brazil.

DARLSTON CARR SHORE

Damos hoje o retrato de Darlston Shore, o sympathico morto que deixou o seu nome ligado a uma das instituições mais uteis de Lisboa—a *Associação dos Bombeiros voluntarios*.

Shore tinha verdadeiro amor por ella, que era obra sua, e a ella se havia entregado d'alma e coração.

A sua morte foi geralmente sentida, e essa pleiade de rapazes valorosos que, muitas vezes, teem mostrado a sua coragem, perdeu mais um amigo sincero e um chefe dedicadissimo.

Comquanto dotado de genio secco, proprio do character inglez, tinha muitos e extremos amigos.

Darlston Shore fôra educado por seu pae para a vida do commercio, em que adquiriu nome honrado e digno.

Por diferentes vezes lhe foram offercidas mercês honorificas, pelos serviços prestados em alguns incendios, mas Shore nenhuma acceitára.

Victima d'uma congestão, succumbiu na madrugada de 29 de março ultimo, rodeado de sua esposa e filhos.

Contava 47 annos.

UM CONSELHO POR SEMANA

RATAFIA DE DAMASCOS

Vinho branco de boa qualidade.....	16 litros
Alcool 66.º.....	4 litros
Assucar branco.....	4 kilos
Canella.....	15 grammas
Damascos.....	100 a 120 fructos

Juntam-se damascos ao vinho branco n'um vaso de cobre, e collocam-se sobre o lume; levantando fervura, junta-se-lhe o as-sucar, o alcool e a canella. Tira-se o vaso do lume, tapa-se e deixa-se esfriar e repousar durante 5 ou 6 dias. Decanta-se e mette-se em garrafas.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS)

Gyra esta mulher na Hespanha—2—3
Vogal que se come e é moeda—1—2
Esta nota, na musica, é banda—1—1
Pronome, tecido e amparo—1—2
Sedimento que na bota é um fructo—1—2
Na coutada ha uma casta de armadura.—1—2

J. SOARES

O pronome n'este tubo é ave—1—2

HENRIQUE F. BRAVO

Esta serra, na musica, é adverbio e arte—1—1—1
No castello, á beira-mar, ha uma villa—1—2
N'este livro, o vermelho é liquido—1—1
E' verbo, e não tem rugas, esta mulher—1—2
A interjeição, volta, para esta cidade—1—2

Faro

M. CAROLINA C.

CHARADA EM VERSO

Eis um termo antiquado
Que em vulgar palavriado
O seguinte exprimirá:
— Minha senhora, eu pretendo
Qu'em vossencia minha sendo,
A mim só pertencerá. — 2

Responde ella: — Cavalheiro,
Desejo o p'ra companheiro,
Se por acaso é devoto;
E, não o sendo, porém,
Busco nas terras d'além,
A quem defeito não noto. — 2

Assim foi; marchou p'ra Grecia,
Como de Roma a Lucrecia,
A' procura de Tarquinio...
E casou c'um senador,
Antigo historiador,
Lá na patria de Lavinio!

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Logogriphe

AO EX.^{mo} SR. JOÃO CORREIA GARCIA DA TRINDADE

Nem aqui certa mulher,—8, 12, 3, 7, 8, 9, 7
Nica, bella, de valor;—4, 12, 9, 7
Infamada ser não quer
Na casa d'este senhor!—13, 12, 4, 3, 10
Deixando já a Maria
Agora Manel vai ter—11, 12, 5, 14
Quando-lhe uma cortezia,—6, 2, 13, 4, 8, 10
E rasgada, pôde crer.

Agora quer o conceito
De toda esta trapalhada?
Pois seja, cumpro o preceito:
E'—Trindade—e... mais nada.

J. SOARES.

Decifrações

Da CHARADA EM VERSO:—Chinpanzé.
Do LOGOGRIPO:—Metamorphose.
Do ENIGMA:—LILIO.

A RIR

Um sujeito tinha pretensões a ser titular. Foi ter com alguns amigos e fallou-lhe no caso.

—Fazes bem! Fazes bem, e não queiras menos de marquez.

O nosso homem procurou alguém que arranja esses titulos, e expoz-lhe a sua pretensão.

—Meu caro, eu desejava ser marquez.

—Pois olhe. Aconselho-lhe a que fique em Marques.

Era este o appellido do sujeito.

Um *dilettante* convidou uma noute um seu compadre da provincia, para ir com elle a S. Carlos ouvir um tenor celebre.

O tenor cantou a aria de *Guilherme Tell* e a da *Gazza ladra*.

—Gostou? perguntou o *dilettante* ao provinciano.

—Oh! muito!

—Rossini é o compositor que eu prefiro. Conhece o seu *Barbeiro*?

Não conheço, porque faço a barba a mim mesmo.

O AMOR DE MÃE

Quando viuvára, o filho apenas tinha tres annos. Se não fóra elle, de certo não teria resistido á funda dôr da perda do esposo estremecido, que lhe dera quatro annos da mais pura e ininterrompida felicidade.

Mas, olhando para o pequenino sér, que lhe estendia carinhosamente os braços, sorrindo n'aquella deliciosa meiguice infantil que nos arrebatava, a dôr como que desaparecera, dissipando-se ante a necessidade de proteger o filhinho, em que já via nitidamente retratadas as feições do marido.

Ficara pobre, pois com a morte do esposo sumira-se o bem estar que gosavam, mas isso que importava? Tinha braços robustos, e até que o filho a pudesse ajudar a ganhar a vida, trabalharia por dois... No futuro, quando elle tivesse uma posição, quando chegasse á idade de poder prescindir do seu auxilio, então cercal-o-ia de amor, aureolar-lhe-ia a vida com a intensidade dos seus affectos e torna-l-o-ia completamente ditoso. Mas antes, necessitava de dar uma educação ao pequenito, de reunir um certo peculiosinho com que pudesse fazer face ao accrescimento de despesa.

Que prazer não sentiria quando um dia o visse desempenhar elevados logares na sociedade, brilhar em toda a parte pelos primores d'uma educação esmerada, e pudesse dizer que só a ella é que tudo era devido, e que, sem protecções nem incitamentos, fizera do filho um sér digno da consideração das pessoas dignas e honestas.

E firme n'esta sublime dedicação, passava o dia e uma parte da noute sobre os improbos trabalhos de costura, que lhe davam um modesto salario, ganho á custa de fadigas insanas.

Não tinha a menor distracção, nem o mais pequeno goso que não fosse proporcionado pelo amor do filho.

Passava mezes sem sahir de casa, nem chegar ao menos a uma janella. Roupas, só tinha o estrictamente necessario, pois todo o luxo reservava-o para o pequenito, que sempre trazia vestido com exquisito gosto.

Vigiava-lhe o crescimento, e sentia profunda alegria quando o via satisfeito e com saudavel appetite.

Uma vez, tinha elle dois annos, cahiu gravemente doente. Então, a mãe não lhe abandonou por um segundo sequer o leito, ministrando-lhe os remedios com um cuidado que só uma mãe pôde têr, e ensinando-o a rezar, pedindo a Deus a saude de que elle necessitava.

No dia em que o medico disse á pobre mãe que o filho estava salvo, ella, que até então não tivera lagrimas, ajoelhou soluçante junto d'uma pequena imagem da virgem, que tinha á cabeceira do leito, patenteando-lhe a sua mais ardente e sincera gratidão.

Depois d'esta doença não havia carinhos, não havia meiguice que não dispensasse ao pequenito, que ia assim crescendo e desenvolvendo-se, emballado pelo doce amor materno.

Era um formoso rapasito de cabellos e olhos negros, feições d'uma correcção feminina, deixando autever, sob a enganadora mascara de doçura, um genio resolutivo, que não se dobrava nem

ante os castigos nem pela suave meiguice dos conselhos maternas.

Depois, o mimo com que o tratavam, ainda mais concorria para o aniquilamento das poucas faculdades boas com que fôra dotado.

A mãe, porém, só via um mundo de perfeições no seu *Manducasinho*, e a tudo que elle fazia lhe achava uma graça infinita, de modo que o pequeno começou a ter sobre ella um ascendente imperioso, impróprio dos verdes annos e do respeitoso affecto que devia dedicar-lhe.

Mas a mãe desconhecía-lhe os defeitos, ou se os percebia, encontrava para elles ampla desculpa no excessivo amor que lhe dedicava, amor até certo ponto prejudicial, pois concorria immenso para a perdição do malfadado rapaz.

Aos doze annos já *Manduca* era inteiramente senhor da sua vontade. Andava na pand-ga, recolhia altas horas, algumas vezes bebado, e quando a mãe, chorosa, lhe esprobrava a fealdade d'aquelle proceder, o precoce libertino virava-lhe as costas, resmungando.

E no dia seguinte, em lugar de procurar cobibir-se, fazia antes gala do facto, voltando mais tarde para casa, ou deixando de dirigir á mãe as costumadas saudações diarias.

Tratava-a de resto, sem a menor palavra affavel, sem respeito algum para com os cabellos brancos d'ella, com uns pequenos risos d'escarneo, que eram a tortura da infeliz senhora.

Sem relações de amizade com pessoa alguma, não tinha ella quem a consolasse nos momentos de desanimo, ou com quem desabafar as amarguras que lhe punham o coração.

E concentrando então em si todos os pezares, envelhecia dia a dia, o corpo alquebrava-se-lhe, e, no vigor da vida, parecia vergar para a cova ao peso de grande numero d'annos.

Uma vez, a mãe esperou de balde toda a noite pelo filho, chorando e resando.

Só quando o dia despontava é que se ouviram passos cambaleantes no extremo da rua, e, d'ahi a pouco entrava elle desgrenhado, com a roupa enlameada e rota, balbuciando palavras sem nexo, acompanhadas de esgares truanescos.

A infeliz mãe, soluçante, despiu-o, como fazia quando elle era creancinha, e recolheu-o ao leito, sem uma censura, sem uma phrase aspera, e vigiou-lhe durante o dia o somno agitado, cheio das sinistras visões dadas pelo alcool.

Quando no dia seguinte elle se levantou, dissipados os fumos da embriaguez, a mãe quiz ser rispida e occupar pela primeira vez o seu lugar, apontando severamente ao filho o caminho do dever.

Mas este, chorando, reconhecendo as culpas, e prometendo uma rapida e cabal emenda, desarmou a colera materna, e transformou os ralhos em jubilosas meiguices, em mil beijos e abraços affectuosos. Durante alguns dias parecia que *Manduca* queria entrar no caminho da regeneração.

Docilmente seguia as indicações maternas, abandonando completamente as orgias para passar os dias e as noites em casa, ajudando a mãe nas lides domesticas.

Mas a latente reacção voltou um dia com toda a força, e o rapaz entregou-se ao prazer d'um modo completo e absoluto.

Só vinha a casa quando, cançado das noitadas, ou esfo-meado pelas privações, necessitava de repouso e sustento. Se a mãe chorava, lastimando-lhe a desgraça, invectivava-a, tinha ameaças ferinas, a que a infeliz se dobrava servilmente, satisfazendo-lhe todos os caprichos, entregando-lhe todas as economias.

Ou então, se via que aquelle systema não produzia resultado, se a mãe, n'um momento de colera, mostrava querer revoltar-se, mudava de tactica, fingia arrepender-se, ter desejos de querer regenerar-se, mas não poder enquanto não liquidasse os compromissos que tinha, não solvesse as dividas que adquirira.

Mas logo que o fizesse, entregar-se ia ao trabalho exemplar, seria completamente outro. E a mãe, acreditando o, empenhava o ultimo movel para obter dinheiro, que ia logo desaparecer na mesma voragem em que todo o outro fôra absorvido.

Uma tarde, apoz uma auzencia de quinze dias, *Manduca* appareceu em casa.

A mãe, debruçada sobre a machina de costura, estava entre-

gue ao seu trabalho violento, pensando no filho e na triste sorte que o bafejara, quando este lhe bate á porta. Vinha todo roto, com o fato coberto de nodoas, sordido, verdadeiramente repellente.

O cabello crescido, sahia-lhe emmaranhado por baixo do chapéu, já quasi sem abas.

As orgias e o destruidor trabalho do alcool patenteavam-se-lhe claramente no rosto amarelento, cadaverico, e nas largas manchas d'um roxo escuro quelhe circumdavam os olhos, apagados, sem brilho algum.

De cigarro ao canto da boca, correspondeu de repellão ás caricias com que a mãe o recebera, e depois de trocadas meia duzia de palavras, disse que, se viéra até alli, fôra porque precisava de dinheiro.

Por isso, que lh'o dêsse, e quanto mais melhor.

— Bem sabes que o não tenho, e que mal ganho para viver.

Tudo quanto possuia, entreguei-t'o.

— Então que faz ao que ganha? Gasta-o em comes e bebes, e o filho que ande na miseria, não é assim? Já não creio em lérias; dê-me dinheiro que bem sei que o tem. Olha a sovina!

— O pouco que tiro da costura tem sido mais gasto por ti do que por mim. Não és tu que tens direito a fazeres-me a menor censura.

— Ora a grande cousa! Não fez mais que o seu dever.

— E' assim que me pagas tudo o que por ti tenho feito! E é para isto que criamos um filho e lhe damos o melhor da nossa vida!

— Mau, com palavriado é que me não governo. Quero dinheiro, sabe? Dinheiro.

A mãe resistiu, disse que o pouco que ultimamente juntara era para uma doença inesperada, um qualquer contratempo, mas ante as reiteradas exigencias do filho, entregou-lhe esse peculio, duas libras ao todo.

— Só isto?! Que miserial foi o agradecimento que *Manduca* deu á mãe.

E pensando um pouco, continuou:

— Mas duas libras não me chegam para nada. Necessito de mais... E vendo ao pescoço da mãe um colar d'ouro, d'onde pendia um medalhão de valor, cravejado de pedras preciosas, restos do perdido esplendor, com os olhos a luzir, mal podendo fallar, n'um accesso de cubiçosa alegria, gaguejou:

— Não ha dinheiro, mas tem essa medalha, que é o mesmo. Vou empenhal-a, e já me chega para o que quero.

Esta medalha é prenda de casamento e encerra o retrato de teu pae. Nunca me separei d'ella; ha-de ir commigo para a cova. Prefiro morrer de fome a desfazer-me d'ella.

— Pieguices! Quero-a, já disse. Guarde o retrato como lembrança e passe-me o resto.

— Nunca...

— Quero; ouviu? Senão...

Procurou então lançar as mãos ao pescoço da mãe, com o fim de lhe despedaçar o colar, mas esta, fugindo-lhe com o corpo, exclamou indignada:

— Escusas de te cançar, que nunca alcançarás esta medalha. E's um filho vil, que nada respeitas.

— Não estou para sermões. Ou me dá o que quero ao bem, ou...

E com a mão erguida, os olhos injectados, dirigiu se furioso e dementado, para a mãe, que, atterrada, se entrincheirára atraz de uma meza; mas, cego pela ira, esbarrou n'uma cadeira, e cahiu de envolta com ella, indo bater com a face de encontro á meza.

A mãe, ao vêr o filho banhado em sangue, abandona precipitadamente o improvisado reducto, e corre lacrimosa e afflicta para o miseravel, exclamando, ao forcejar por erguel-o:

— Então, vês, não tens cuidado algum, e podia-te acontecer alguma desgraça...

Maldita meza... Não te afflijas... Aqui tens a medalha.

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.



DARLASTON CARR SHORE